

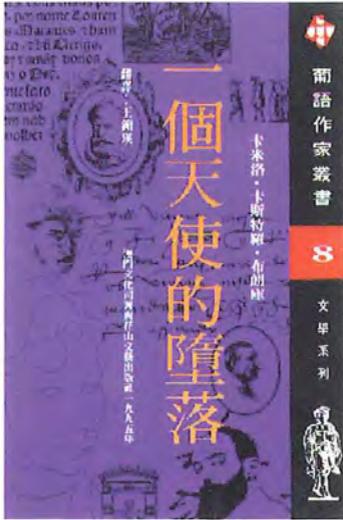
O Desafio de Traduzir Camilo

W a n g S u o y i n g

EM 1995 FOI PUBLICADA NA CHINA A MINHA TRADUÇÃO de *A Queda dum Anjo* (Edição conjunta do Instituto Cultural de Macau e da Editora Montanha das Flores da China) e, pelo que me disseram, o público chinês gostou. No ano passado, fui convidada pelo Instituto Português do Oriente para trabalhar na nova versão chinesa de *O Amor de Perdição* e neste momento estou a acabar a tradução. Está previsto que a nova versão chinesa sairá em 2000.

Na altura em que decidi traduzir *A Queda dum Anjo*, um amigo português preveniu-me de que a tradução deste livro seria, para o tradutor, um desafio. Nunca me esqueci desta frase durante todo o processo da tradução. Eu tinha traduzido muitos documentos históricos, culturais e científicos, também tinha experimentado a tradução no âmbito literário, de autores portugueses e brasileiros. Mas, de facto, nunca tinha encontrado um texto tão difícil de traduzir como *A Queda dum Anjo*. Cada vez que eu sentia cansaço, as palavras desse amigo estimulavam-me para enfrentar o desafio e cumprir a missão. Passados alguns anos, continuei a sentir o mesmo desafio quando peguei em *O Amor de Perdição*, sobretudo quando soube que a obra-prima de Camilo já tinha duas versões chinesas publicadas. Apesar de me ver a mim mesma favorecida pelas experiências acumuladas na área com o passar dos anos cheios de trabalhos de tradução, traduzir Camilo foi, é e será sempre, para mim, um desafio, pois Camilo, um dos maiores vultos literários do século XIX, foi o único, o singular, o incomparável, o máximo e o sagrado.

As dificuldades que encontrei na tradução de Camilo podem ser divididas em duas classes: a) dificuldades resultantes da compreensão do texto, pois é o português do século XIX e, além do mais, é a linguagem e descrição de Camilo; b) dificuldades em manter o estilo original de Camilo na versão chinesa.



Capa da tradução chinesa de *A Queda de um Anjo*.

No campo da tradução, os chineses costumam falar e debater sobre os três princípios apresentados no virar do século pelo famoso pensador, letrado e tradutor chinês Yan Fu (1853-1921): xin (fidelidade), da (fluência), ya (beleza). Em palavras modernas, o tradutor deve, em primeiro lugar, ser fiel à ideia do autor; em segundo lugar, traduzir essa ideia para o chinês (ou para uma outra língua) numa linguagem fluente e habitual; e por último, harmonizando as duas línguas e mantendo o estilo da obra, aperfeiçoar a retórica da tradução.

Todos os tradutores chineses prometem seguir estes três princípios, mas para segui-los séria ou honestamente, é preciso fazer muitos esforços e até sacrifícios, demorando horas e horas na investigação, o que nem todos estão dispostos a suportar. Alguns tradutores cometem, por ignorância, ou por lapso, infidelidades ao autor, as quais são às vezes imperdoáveis. Em *O Amor de Perdição*, Camilo escreveu no seu primeiro capítulo:

«*Dez anos de enamorado, mal sucedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I minguavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio [...]*».

É óbvio que «*a formosa dama de D. Maria I*» mencionada aqui refere-se a D. Rita, dama do Paço com quem se casava mais tarde Domingos Botelho e mãe do nosso herói Simões, portanto, foi absurdo traduzir para o chinês que Domingos Botelho não se poupava em gastar o seu dinheiro a fim de galantear a formosa D. Maria I. Foi igualmente absurdo traduzir para o chinês que Domingos Botelho pretendia ser amado pela formosa dama Maria.

Manter-se fiel à história narrada por Camilo constitui o primeiro desafio para quem traduz Camilo. Nenhum tradutor pode gabar-se de não

ter cometido nenhuma infidelidade na compreensão do autor, mas pode e deve evitar erros absurdos. Felizmente, na minha tradução de *A Queda dum Anjo*, podia contar com o apoio da Dra. Leonor Seabra, Dr. Luís Sá Cunha, P. Rios, e sobretudo do Dr. Bigotte Chorão, para compreender correctamente o texto de Camilo. O Dr. Bigotte Chorão também está disposto a esclarecer-me as dúvidas em relação ao conteúdo de *O Amor de Perdição*. A ele e aos outros amigos supra mencionados ficarei eternamente agradecida.

Mas o maior desafio de traduzir Camilo consiste em manter na versão chinesa o estilo, a sátira e o espírito do autor. Trata-se de uma tentativa permanente que requer muito debate, muito cuidado, muita técnica e muita imaginação criativa. Como dou aulas de técnicas de tradução, enquanto faço a tradução, costumo imaginar as perguntas que os alunos podem fazer em relação a certos métodos adoptados pedindo a mim mesma a sua justificação, como se estivesse na aula perante os alunos, a fim de melhor manter o estilo original.

Em alguns casos, não é difícil fazer isso. Por exemplo (todos os exemplos adiante citados referem-se à obra *A Queda dum Anjo*), no 1º capítulo pode-se encontrar a seguinte descrição:

«*Remenda teu pano, chegar-te-á ao ano, dizia a morgada de Travanca; e, aferrada ao seu adágio predilecto, remendava sempre [...]*»

Felizmente em chinês há um adágio com ideia semelhante: «Novo em três anos, velho em três anos, e remendado passa mais um ano». Aproveitei a última parte do adágio chinês para a tradução do adágio português e o efeito sairia muito melhor do que uma tradução ao pé da letra.

No entanto, a língua chinesa e a língua portuguesa são, no fim de contas, totalmente dife-

rentes. Os costumes sociais e as maneiras de exprimir e ser também são distintas, portanto, não se pode encontrar, infelizmente, em todos os casos expressões correspondentes, e daí surgem os problemas ligados às notas.

Camilo usa muitos termos com duplo sentido e às vezes joga com o sentido das palavras. Nesses casos, a expressão portuguesa perde essa função quando traduzida para o chinês. Por exemplo, Camilo diz no 21º capítulo:

«[...] quis demais disto a providência dos amantes lerdos, providência que eu não posso escrever com p pequeno [...]»

A palavra «providência» não tem o mesmo sentido quando é escrito com p grande ou com p pequeno. Mas em chinês, os caracteres chineses não conhecem essa regra de escrever com maiúscula ou minúscula, portanto, um leitor chinês não vai perceber o sentido da frase. O que podia eu fazer? Não podendo alterar a ideia do autor, só podia pôr uma nota explicando-a, como fazem muitos outros tradutores.

Naturalmente, às vezes, é preciso alterar um pouco a ideia dum certo termo para exprimir mais correctamente a ideia geral da frase ou parágrafo. Por exemplo, no 2º capítulo surge este tema:

«[...] “sem impostos, não haveria rei nem professores de instrução primária..., nem tropa nem anatomia nacional.”

O mestre-escola havia lido, repetidas vezes no Periódico dos Pobres, as palavras autonomia nacional. Falhou-lhe desta feita a memória [...].»

Em chinês, os termos «anatomia» e «autonomia» têm sons totalmente diferentes. Se eu traduzisse tal qual escrito em português, o leitor chinês não compreenderia porque é que o autor diz que *«falhou-lhe desta feita a memória»*.

Então substituí o termo chinês «anatomia» por outro que tem som idêntico ao da «autonomia». Acho que nesse caso a infidelidade é permitida, mas, para esclarecer essa infidelidade, pus uma nota no pé da página.

Camilo costuma aproveitar como metáforas, durante a sua narração ou através da boca das personagens, nomes históricos e legendários, ou acontecimentos antigos e religiosos. Além disso, o enredo do próprio conto também exige referências às personagens, lugares, coisas ou factos daquela época. Como a cultura e a tradição chinesas são diferentes das ocidentais, um leitor chinês é capaz de não perceber muitas dessas metáforas, ou alusões históricas, e, se não as percebesse, não assimilaria a ideia da obra, muito menos gozar da sua graça. Por exemplo, o que é «ala dos namorados»? Porque é que Calisto queria restaurar «as leis do foral dado a Miranda pelo monarca fundador»? O que indica «sangue dos Afonsos e Joãos»? Daí, parece que as notas são indispensáveis.

Tantas coisas precisam de ser explicadas através das notas, as quais enchem as páginas. E há ainda mais.

Camilo usa grande quantidade de expressões latinas e francesas. O português vem do latim e é a língua irmã do francês, pelo que um leitor português pode deduzir o significado dessas frases ou termos em latim e francês, mesmo não conhecendo essas línguas. Mas o mesmo não acontece com o leitor chinês. A absoluta maioria dos chineses não entendem francês, muito menos o latim. Então, o que podíamos fazer perante esta situação? Consultei as traduções das outras obras estrangeiras para a língua chinesa e reparei que nesses casos, os tradutores mantêm o latim ou outra língua estrangeira na versão chinesa pondo uma nota ao pé da página explicando o significado, ou traduzem para o chinês pondo também uma nota para explicar que o texto original é em latim, etc. Reparei tam-

«O maior desafio de traduzir Camilo consiste em manter, na versão chinesa, o estilo, a sátira e o espírito do autor». Arquivo CNCDP.



bém que naquelas obras, não há tanto latim como na nossa novela e conseqüentemente, não são muitas as notas. Na altura, pensava eu que para manter o estilo original da obra, seria preferível a primeira alternativa das duas acima mencionadas.

Pedi a um amigo, que é jornalista, escritor e redactor de Macau, para ler a minha tradução inicial. Ele disse-me: «Percebi o estilo singular e extravagante de Camilo, mas essas frases em latim cansam o leitor. Vendo tantas letras intercladas entre os caracteres chineses sem saber o seu signi-

ficado, o leitor fica aborrecido movendo sempre a cabeça para ler as notas no pé da página, além de cortar o fio do pensamento. O mesmo acontece com as outras notas». Ele aconselhou que traduzisse tudo para o chinês, e que para a maior concentração e comodidade do leitor, nem seria preciso pôr a nota. Mas assim não altera o singular e original estilo de Camilo? Fiquei na dúvida.

Os outros amigos também acham que é melhor pôr o menos possível de notas. Um disse que *A Queda dum Anjo* é uma obra destinada aos leitores de bom nível cultural e mesmo para os portugueses, nem todos conseguem lê-lo da mesma maneira. Não é justo esperar que todos os leitores chineses entendam tudo o que Camilo disse, na sua versão chinesa, por isso não é preciso pôr notas explicando tudo; quem entende, está bem, quem não entende, também não faz mal. Outro disse que a versão chinesa é para os leitores chineses, por isso o mais importante é fazê-los compreender de maneira inteira, ou de modo geral, a história do livro; para essa finalidade, pode-se até simplificar o que está complicado, mesmo sendo infiel ao autor.

Levando em consideração essas opiniões, defendi que a obra e o estilo de Camilo devem ser entendidos de maneira mais fiel, directa e geral pelo público chinês. Gostei tanto de Camilo, que não queria vê-lo reduzido à expressão mais simples. Então, fiz duas coisas diagonalmente opostas para facilitar a leitura por parte do público chinês, evitando, porém, prejudicar o estilo original do autor:

1. Tentei suprimir o máximo das notas desnecessárias.

Por exemplo, traduzi para o chinês todas as palavras ou frases em latim e outras línguas (excepto um ou dois casos mesmo intocáveis), mas recorrendo à caligrafia itálica, para marcar a diferença. Expliquei o fenómeno em Palavras da Tradutora, dispensando desta maneira a colocação de notas em cada caso.

Outro exemplo: Camilo escreveu no 1º capítulo que «*D. Fuas Mendo casara com a filha de um mesteiral, e D. Dorzia se havia sujado casando mofinamente com um pajem da lança de seu irmão D. Paio Ramires*». Quisera pôr uma nota aqui explicando que «Dom» e «Dona» indicam nesse caso o sangue azul ou fidalguia, portanto os noivos desses casamentos não têm a mesma posição social. Mas depois arranjei na tradução termos chineses que mostravam a ideia do autor, em vez de pôr um nota.

2. Tentei acrescentar o máximo das notas necessárias.

Por exemplo, pus uma nota explicativa para cada uma das personagens mitológicas, históricas e literárias ocidentais, assim como para os topónimos e acontecimentos históricos, para os leitores chineses perceberem porque é que foram mencionados por Camilo na novela, Dalila, Lucrecia Bórgia, Circe, Narciso, Medeia, Henrique VIII (da Inglaterra), Afonso de Albuquerque, Leonor Teles, Aljubarrota... Como é que o público pode manter-se insensível pela erudição de Camilo!

Enquanto eu fazia as notas, sempre que era possível ia às Enciclopédias e publicações chinesas para encontrar traduções convencionais desses nomes invocados pelo autor. Conheci bastantes casos de traduzir caprichosamente os nomes estrangeiros, tais como Francisco Xavier, Mirabeau, Desmoulins e outros, tornando essas pessoas famosas difíceis ou até impossíveis de identificar na versão chinesa, o que não podia acontecer de maneira alguma com os meus trabalhos. Eis um dos aspectos de enfrentar honestamente o desafio de traduzir Camilo!

O desafio existiu, existe e existirá. Que enfrentemos corajosa e honestamente o desafio, para que o grande Camilo seja compreendido de maneira íntegra pelo público chinês, aproximando assim os dois povos, geográfica e culturalmente distantes, o que constituiu, exactamente, uma das tarefas dos tradutores.